

Gaiola em decomposição, a história do Edifício São Pedro

Alessandra Oliveira Araújo (UNIFOR)
alessandraoliveiral@unifor.br

Virna Maria Benevides Alves (UFRN)
virnamariabenevides@gmail.com

Gaiola em decomposição, a história do Edifício São Pedro

Resumo: O presente artigo é resultado de pesquisa bibliográfica, documental e de campo sobre o Edifício São Pedro, primeiro prédio com mais de três andares construído na orla de Fortaleza. Iniciamos com uma contextualização histórica do período conhecido como Belle Époque de Fortaleza, usando Ponte (2000) como principal referência. Depois, descreveremos a história do Edifício, desde sua inauguração até o momento de realização da pesquisa, para nos embasar, usamos Jucá (2000), Ponte (2000), Berman (2007), além de documentos do Arquivo Nirez, matérias de jornais locais e documentário produzido sobre o prédio. Por fim, apresentamos uma etapa da pesquisa de campo em que fomos ao prédio e conhecemos seus espaços internos, objetos deixados pelos últimos moradores e vimos a situação em que o prédio se encontra. Ao final, refletimos sobre o processo de construção e demolição cidadão e o quanto esse movimento pode prejudicar a construção da memória e sentimento de pertença na cidade.

Palavras-chave: Edifício São Pedro, Fortaleza, Cidade.

Emerging issues on literature about design policies

Abstract: *This article is the result of bibliographic, documentary and field research of the first São Pedro building, a building with more than three floors built on the edge of Fortaleza. We start with a historical contextualization of the period known as Belle Époque de Fortaleza, using Ponte (2000) as the main reference. Then, we will describe the history, from its opening to the moment of conducting the research to support us, we use Jucá (2000), Ponte (2000), Berman (2007), in addition to new documents from local newspapers and a documentary produced about the building. The stage presents a stage in which we went to the research field and its internal spaces, to the situation of the objects that for the last residents and for the end of the research the building is. In the end, we reflect on the process of city construction and demolition and how much this movement can harm the construction of memory and the feeling of belonging in the city.*

Keywords: *São Pedro Building, Fortaleza, City.*

1. Introdução

O presente texto tem como objetivo apresentar a história do Edifício São Pedro, primeira edificação com mais de três andares construída na orla de Fortaleza. Nos interessa discutir o como o prédio passou de espaço de desejo das camadas mais enriquecidas da cidade, para um espaço em abandono, sem moradores e com risco de colapso estrutural devido à falta de manutenção.

O Edifício São Pedro foi inaugurado em 1951 com o nome de Iracema Plaza. Sua localização fica na Praia de Iracema, em Fortaleza. Para entendermos o contexto em que a edificação foi construída, é fundamental conhecermos a influência européia, a partir do que Ponte (2000) chamou de Belle Époque de Fortaleza e, mais tarde, como se deu a influência estadunidense que culminou na construção do edifício.

Em seguida, descreveremos a história do Edifício São Pedro, desde sua inauguração até o momento de realização do presente artigo. Nosso objetivo é mostrar como o prédio foi inaugurado como símbolo da elite de Fortaleza, passou por um processo de abandono e hoje encontra-se em risco de colapso estrutural. O embasamento usado foi o de autores como Jucá (2000), Ponte (2000), Berman (2007), além de documentos do Arquivo Nirez, matérias de jornais locais e documentário produzido sobre o prédio.

O último ponto de discussão do presente artigo é a pesquisa de campo realizada em 2020, quando fomos ao prédio e conhecemos seus espaços internos, objetos deixados pelos últimos moradores e vimos a situação em que o prédio se encontra. A experiência nos permitiu refletir sobre o processo de construção e demolição citadino e o quanto esse movimento pode prejudicar a construção da memória e sentimento de pertença na cidade.

2. Cultura de retalhos

Para entendermos o contexto de criação do Edifício São Pedro, é fundamental percebermos que ele faz parte de uma busca pela renovação e modernização da cidade. Influenciada pelos ideais modernos de expansão e renovação, a cidade de Fortaleza passa por uma série de transformações que vão desde o seu projeto urbanístico até a criação de um Código de Postura (SILVA FILHO 2001).

Segundo Ponte (2000, p.162 e 163), esse desejo de renovação chega em Fortaleza como uma influência da *Belle époque*, “termo francês cunhado para traduzir a euforia europeia com as novidades extasiantes decorrentes da revolução científico-tecnológica”. O autor explica que, por volta dos anos de 1860, Fortaleza desenvolve uma pretensão remodeladora como um forte vetor de transformações urbanas.

Vale ressaltar que o termo *Belle époque* só começa a ser usado na França após a Primeira Guerra Mundial, num contexto de forte crise econômica e necessidade de reconstrução do país. Segundo Mérian (2012, 139), "a saudade de uma época de mais de quarenta anos de paz, de progresso científico, tecnológico, material, dissimulou em parte as duras realidades vividas pela população" que tinha sobrevivido ao período de guerra. O autor argumenta que a ideia de uma "época de ouro" é, de certa forma, uma construção a partir de um passado idealizado, visto que apenas uma minoria desfrutava das benesses do progresso.

No contexto de Fortaleza, os ideais de renovação e expansão chegam às elites que os usam para criar um projeto higienista e de forte exclusão social. Ponte (2000) fala que a ideia das elites era "civilizar" e "domesticar" aqueles que não se enquadravam nos novos padrões estabelecidos. Para isso, Fortaleza passou por uma política higienista, com a criação de espaços de confinamento como manicômios e a retirada da cidade de pessoas em situação de rua.

Os mecanismos de controle mais representativos foram a construção dos hospitais Lazareto da Lagoa Funda e a Santa Casa de Misericórdia. As camadas mais empobrecidas da sociedade eram vistas como vetores para a propagação de doenças e eram levadas para espaços afastados do perímetro central que era o lugar-foco do desenvolvimento.

Para disciplinar o crescimento da cidade e copiar o modelo parisiense, o governo do Estado decide pela contratação do engenheiro e arquiteto Adolfo Herbster que desenvolve para a capital a Planta Topográfica de Fortaleza e Subúrbios e aperfeiçoa (diante as exigências do Estado) o planejamento urbano feito anteriormente por Antônio José Silva Paulet, em 1818, que organizou a cidade de forma ortogonal e enxadrezada, puxando para o estilo quadrangular, como essencialmente permanece até hoje:

Com seu plano de retificação e de expansão disciplinada. As vias públicas passaram a obedecer um sistema, cortadas em ângulo reto e os prédios mudaram gradativamente a sua estrutura de taipa para a alvenaria de tijolo, mas ainda eram baixos e sem frontões ou cornijas. De beiral liso, como se dizia (GIRÃO, 2000, p. 21)

A contribuição de Adolfo Herbster consistiu em levar alinhamento de ruas até a periferia para que o trânsito de pessoas e mercadorias acontecesse de forma mais fluida. Com avenidas mais largas e simulações de *boulevards*, construções típicas da França, tudo que existia antes no perímetro central foi reformado ou destruído. A reforma da cidade salientava a estreita relação entre estilização urbana e ordem pública, já que tinham explícito intuito de controlar mais severamente a população, principalmente a população

mais pobre. Em sua descrição, o engenheiro falava em deixar a cidade mais “transparente”, facilitando o monitoramento das vias e dos cidadãos.

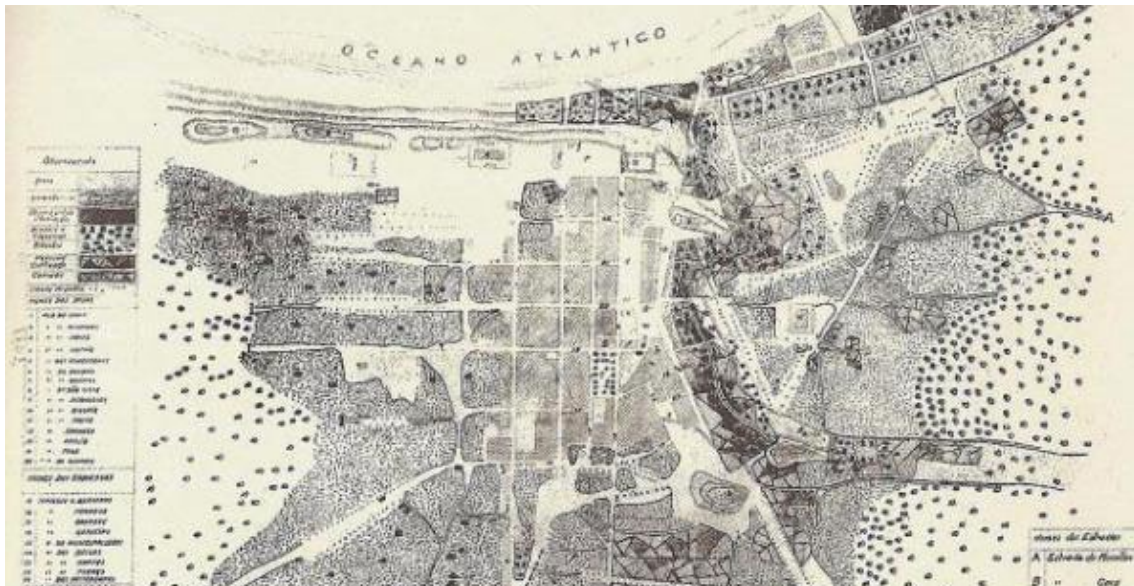


FIGURA 1 – Planta Exata da Capital do Ceará, 1859, de Herbster, antes do seu alinhamento de ruas até a periferia. Fonte: Instituto do Ceará



FIGURA 2 – Planta de Fortaleza e Subúrbios, 1875. Fonte: Arquivo Nirez

Ponte (2000) conta, ainda, que os fortalezenses vibraram com as novidades e falavam que a modernidade enfim havia chegado à cidade. O rompimento com uma Fortaleza antiga, arcaica, e a busca por uma nova cidade que remodela sem cessar ruas, casas e também as formas de habitar o espaço urbano são marcas importantes que continuam a atuar na cidade.

Segundo Silva Filho (2001), em 1870, foi lançado o Código de Postura que exprimia a obsessão higienista e a forte interferência da cultura europeia nos costumes das elites em Fortaleza, que proibia, sob pena de multa e prisão, “pessoas de se banharem à luz do dia no corrente da rua do Poço, na lagoa do Garrote (atual Parque da Liberdade), Pajeú e outros lugares expostos às vistas dos viandantes, ou de quem estiver em casa” (SILVA FILHO, 2001, p. 99).

Em 1880, copiando o modelo de Paris, Fortaleza construiu cafés que reuniam intelectuais para conversar e celebrar. Foram quatro, no estilo *chalet* (estilo próprio da arquitetura francesa) todos na Praça do Ferreira no Centro da cidade, que era o local de partida e chegada dos bondes e onde estavam os principais comércios da cidade.

Foi em um desses cafés, segundo Ponte (2000), o Café Java, que nasceu a irreverente agremiação literária chamada Padaria Espiritual, composta por poetas como Antônio Ferreira Lafayette, Raimundo Varão, William Peter Bernard, Virgílio Brandão, Carlos Gondim, Eutímio Lopes e Mário da Silveira. A agremiação satirizava o incessante “afrancesamento” da cultura cearense.

No ano de 1912, segundo Ponte (2000), acontece o declínio do governo Accioly no Ceará. A oligarquia aciolina aconteceu sob forte autoritarismo e se manteve por 16 anos com fraude eleitoral, voto de cabresto, nepotismo e desvio de verbas, além de espancar adversários, fechar jornais que se opunham e reprimir trabalhadores, tudo isso com o apoio do Governo Federal e de coronéis do interior do estado. Uma revolta popular armada que durou 3 dias, transformou os ares embelezadores da cidade e se encerrou com a deposição do governador no dia 24 de janeiro de 1912. O declínio do governador do estado também foi um passo marcante para o declínio da *Belle époque* fortalezense.

Logo depois, em 1915, a seca mais conhecida da história cearense assolou o interior do estado trazendo milhares de retirantes à capital, o que golpeou fortemente o sonho embelezador burguês que agora enfrentava a vinda de centenas de flagelados para a capital.

O encerramento da *Belle époque* em Fortaleza acontece de forma simbólica quando, na década de 1920, com a demolição de quatro cafés emblemáticos, com arquitetura típica francesa, segundo Ponte (2000), para que

o espaço dos pedestres e dos carros fosse valorizado. Os espaços que eram símbolo da Modernidade já eram encarados como “velhos” e precisavam ser substituídos.

Latour (2013, p.15) fala que “através do adjetivo moderno, assinalamos um novo regime, uma aceleração, uma ruptura (...) com um passado arcaico e estável”, sendo assim, o moderno é o movimento de renovação, que permanecerá constante, pois no momento em que o novo se instaura e se acomoda, já precisa mudar novamente.

Na queda do cenário francês, o que ficou à mostra foi a violenta desigualdade social ocultada pelas elites, aspecto que traz nova sobriedade à cidade, que combina com princípios mais racionais e que influenciam desde a arquitetura das construções, até a pressa e a velocidade da nova rotina que exigem mudanças nos modos de agir e pensar.

Essa transformação imposta à Praça do Ferreira, localizada no centro da cidade, considerada o seu centro nervoso gravitacional, onde as principais mudanças e novidades ocorriam como maior ressonância é exemplar para demonstrar também que, nos ruidosos e congestionados anos 20, tem início a constituição de uma nova organização do espaço urbano fortalezense, mais pautada pela racionalidade do que pelo embelezamento (PONTE, 2000, p. 187).

Essa racionalidade resultou em novo alargamento das ruas, aumento no número de automóveis circulando, demolição de prédios considerados velhos e construção outros cada vez maiores.

A problemática das demolições e das reformas conta efetivamente sobre a crise de identidade enfrentada pela capital. Ao fim do enxame causado pelas influências francesas, Fortaleza reverencia, a partir da década de 1950 (década de inauguração do Edifício São Pedro), sob o viés da Modernidade, a América do Norte. Os Estados Unidos, por conta de sua vitória na Segunda Guerra Mundial, passaram a exercer inegável influência sobre todo o território internacional.

O estilo de vida estadunidense difunde-se no Brasil principalmente por meio da indústria cinematográfica que de forma ao mesmo tempo sutil e avassaladora inicia uma maciça transformação nos hábitos brasileiros. Para Girão (1997), os astros hollywoodianos criaram uma nova mitologia que influenciou desde o modo de vestir, comer e beber, até as formas de se comunicar, posicionando o soldado americano como herói mundial, imbatível, ratificando a valentia, a dignidade e a superioridade do bem sobre o mal.

Foi neste contexto de forte influência dos Estados Unidos em Fortaleza que o Edifício São Pedro foi construído, como veremos adiante.

3. Rainha da Beleza, Fortaleza

Em 1951, foi inaugurado na orla da Praia de Iracema o que na época se tornou o mais moderno e luxuoso hotel da cidade, o Iracema Plaza, com arquitetura inspirada nas construções de Miami Beach e um formato que remete às características de um navio que ancorava à beira mar.

No prédio, que no início funcionava como hotel, residência e comércio, existiam mais de 100 apartamentos, além de salas de convenções, salas de lazer, cafeteria, barbearia, outras formas de comércio e serviços e o conhecido Restaurante Panela que oferecia uma cozinha regional frequentada por personalidades nacionais na época de seu auge.



FIGURA 3 – Iracema Plaza Hotel, 1951. Fonte: Arquivo Nirez.

O Iracema Plaza foi o primeiro prédio da praia de Fortaleza, era rodeado de coqueiros e era possível ver de sua vista a serra de Maranguape, que fica a cerca de 40 quilômetros de distância da edificação. Isso só era possível porque não havia nenhum outro prédio com mais de três andares na orla de Fortaleza.

Outro aspecto importante de mencionar é a relevância que a Praia de Iracema começou a ter como atividade de lazer para banhistas em meados da década de 1950, quando a Barra do Ceará passou a ser área excluída pela elite fortalezense devido a frequência de banhistas de camadas menos favorecidas. A Praia de Iracema passa a ser um dos principais pontos de encontro das elites de Fortaleza e começou a ser valorizada também com a construção de residências de veraneio, o que levaria o fluxo da cidade para o seu entorno.



FIGURA 4 – Banhistas Praia de Iracema, 1957, Iracema Plaza ao fundo. Fonte: Arquivo Nirez.

Segundo a redação da Rádio Verdes Mares, o Edifício São Pedro foi inaugurado mesmo sem ter suas obras do último andar concluídas. Na matéria, o historiador e professor Miguel Ângelo, fundador do Arquivo Nirez, revela que o prédio jamais foi finalizado, porque seu proprietário, Pedro Philomeno Gomes, membro de uma das famílias mais ricas da capital, havia sonhado que no dia que terminasse a construção, morreria e por isso preferiu deixar a obra inacabada. Os 12 mil metros de área construída e seus apartamentos com 200 metros quadrados permanecem até hoje, no entanto, com outra forma de fascínio incorporada. Esse comportamento, muito pautado em lendas e superstições, revela a problemática da elite fortalezense que perseguia a Modernidade, mas tropeçava em práticas do passado.

O Iracema Plaza era uma construção exclusivamente voltada para o consumo das camadas sociais mais ricas, que em meados da década de 1950, já viviam um processo de evasão do centro que estava sendo ocupado pelas camadas populares. Foi daí que surgiu a necessidade de construção de um prédio que atendesse à burguesia em uma localização distinta, inclusive porque na época de sua inauguração estava prevista a visita do presidente Castelo Branco que mais tarde fez do Iracema Plaza seu local de hospedagem.

Parte da glória conquistada pelo empreendimento vem do burburinho causado pelo restaurante Panela, que surgiu como novidade de lazer na capital. Neste período, era comum os restaurantes em Fortaleza ficarem apenas dentro dos clubes como o Ideal, Náutico e Country Club.

Segundo Jucá (2000), esses clubes contavam, além de tudo, com facilidades do poder público, como foi o caso do Náutico, inaugurado em 9 de junho de 1929 motivo de orgulho fortalezense e responsável pelo chavão que o classificava como “um edifício dos mais belos e confortáveis da América do Sul”, que solicitou empréstimo de Cr\$ 400.000.000,00 (quatrocentos milhões de cruzeiros) à união, o que hoje equivaleria a R\$ 145.454,55 (cento e quarenta e cinco mil quatrocentos e cinquenta e quatro e cinquenta e cinco centavos) e ainda foi isento de impostos e taxas.

O lazer das elites era destacado como um ambiente de distinção, de ordem e de respeito e recebiam os privilégios, vantagens e regalias do Estado para que se expandissem e perpetuassem. O bairrismo da burguesia defendia e exaltava construções como o Náutico, mas esquecia que, naquela época, ainda não possuía sequer uma maternidade na capital cearense.

Voltando ao Restaurante Panela, importa pontuar que uma nova forma de comensalidade surgiu naquele tempo e modificou o hábito dos fortalezenses que passaram a ter a opção de almoçar ou jantar fora de suas casas, ainda com a vista do mar que a localização do Iracema Plaza proporcionava. Apesar de toda glória aparente, se sabe que o restaurante possuía trabalhadores em situação irregular. Em entrevista ao documentário *Lastro* (2014), Lucia Helena, fala que trabalhava na cozinha e na lavagem de roupas, que amava seu emprego porque lá aprendeu diversos serviços e porque podia conviver com uma cultura restrita às elites que não lhe era comum. Conta também que, em caso de fiscalização, já teve que se esconder atrás das caixas de leite da despensa para não ser encontrada e que tinha muito medo de ser pega por medo de prejudicar seus empregadores.

Além da culinária elogiada, o restaurante também recepcionava festas e comemorações da alta sociedade da capital cearense, como podemos ver no prestígio dado pelos jornais nas figuras seguintes, o que fez o prédio se tornar “ótimo para arranjar marido”, na opinião de Salim Neto, entrevistado do documentário *Lastro* (2014) que conta a história do Edifício. Esses eventos foram muitas vezes comandados por Irapuan Lima, radialista e apresentador de televisão famoso em Fortaleza que planejava festas, desfiles e até apresentações de programas que duravam até o dia amanhecer com presença de diversas personalidades como Augusto Borges (político cearense), Mauricio Accioly (da família de oligarquia no Ceará), Vanusa, Wanderléa e muitos outros.

As comemorações que ficaram conhecidas na cidade fizeram sucesso também por conta do ambiente que exalava o luxo e o requinte pretendidos por Pedro Philomeno Gomes. O comentário popular girava em torno dos detalhes da construção, todos sabiam do revestimento de mescla das

paredes das salas e dos corredores, da elegância da decoração das mesas de jantar e principalmente sobre o salão de festa revestido com pedra colonial, piso de mármore e espelhos por todo lado. Situação que contrastava agudamente com a pobreza experienciada em outras partes da cidade causada principalmente pelo processo migratório da população que vivia no campo para a capital, iniciado nos anos 1960, que se intensificou pela ausência do estado cearense em desenvolver cidades de grande porte que dividissem a população migratória.

Segundo Oliveira (2013), entre os anos 1950 a 1960, a população de Fortaleza praticamente dobrou de tamanho, passando de 270.169 habitantes, no início da década de 1950, para 514.818 habitantes ao seu final. O emaranhado de pessoas se concentrou em Fortaleza e causou a criação de favelas que não tinham estrutura adequada de serviços.



FIGURA 5 – Recepção Iracema Plaza. Fonte: Documentário Lastro

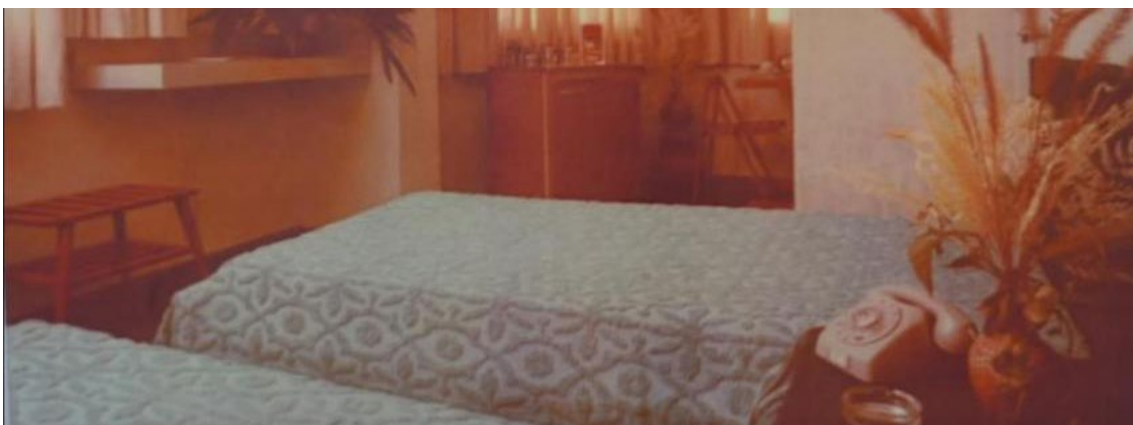


FIGURA 6 – Quarto Iracema Plaza. Fonte: Documentário Lastro

Voltando para a história do Edifício, Lúcio Brasileiro, uma das maiores referências de jornalismo no Ceará, foi convidado a morar no Iracema Plaza

em 1966 e tornou-se algo como um gerente. O jornalista fala do dia em que os garçons do Panela ficaram bêbados porque ele havia esquecido de dispensá-los em dia de réveillon; de quando teve seu apartamento na cobertura invadido por um noivo e seus capangas por conta de uma nota que havia publicado e contrariado esse homem e se viu obrigado a pular do 8º andar pela janela para não ser pego e foi amparado no 5º pelas telas de estender roupas e de quando confabularam que ele havia se suicidado após a morte da mãe porque não se encontrava em seu apartamento.

Figura 7: Cartão postal com vista aérea da Praia de Iracema em 1970.



FONTE: ARQUIVO Nirez

Após os tempos áureos, o fim da década de 1970 trouxe mudanças para o hotel, tornando-o apenas residencial. A causa estava na concorrência que outros empreendimentos impuseram no mercado hoteleiro na praia do Meireles e também na construção de casas residenciais aos arredores do prédio. No entanto, o êxito do empreendimento abriu a rota da Avenida Beira Mar, que se tornou importante ponto turístico e cenário para diversos outros tipos de comércio e serviços utilizados pela burguesia que se evadia do centro da cidade.

Ainda assim, pela sua localização, imponência e história, o prédio continuou a ser procurado por pessoas que se tornaram inquilinas ou proprietárias e passou a chamar-se Edifício São Pedro e não mais Iracema Plaza Hotel como antes. Nesse período, funcionavam muitos comércios no térreo, disponíveis para moradores e passantes, como cafés, salões de beleza e lojas telefônicas.

A deterioração da construção e falta de investimento da família Philomeno Gomes afastou investidores e moradores que buscaram outras residências. Segundo o documentário Lastro, já nos anos 2000, muitas famílias receberam o comunicado da prefeitura de que deveriam desocupar os apartamentos porque o prédio seria reformado. Algumas resistiram, outras acataram a decisão.

O processo de tombamento do Edifício São Pedro encontra-se incompleto. No início da pesquisa que embasa esse texto, em 2019, duas famílias ainda residiam no prédio, hoje nenhuma mora no antigo Iracema Plaza. Em entrevista realizada em 2016, os moradores do prédio afirmavam que as condições de moradia são insustentáveis e culpavam a prefeitura de dificultar muitas vezes o acesso ao abastecimento de água e energia. Para os proprietários, o intuito é obstaculizar a permanência no prédio, obrigando os moradores a aceitarem o acordo proposto.

Logo após a declaração de tombamento, veio a proposta de reforma para que a construção se torne novamente um hotel que conserva a fachada que, por leis do patrimônio público não pode ser alterada, e imploda o miolo para que uma torre de 95 metros seja erguida. Em matéria online, o Jornal O Povo publicou uma reprodução de como ficaria o prédio após a reforma proposta.



FIGURA 8 – Reforma do Edifício São Pedro. Fonte: Jornal O Povo Online

Segundo matéria do jornal O Povo, divulgada em setembro de 2018, em 11 de janeiro de 2006, o Edifício São Pedro foi tombado provisoriamente como patrimônio da cidade após decreto municipal. Em 10 de setembro de 2015, por unanimidade, teve seu tombamento aprovado pelo Conselho de Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural de Fortaleza (Comphic) e em

2016 tem a proposta revista para que haja a possibilidade de construção de uma torre com altura maior que a prevista anteriormente. Em 20 de setembro de 2018, a 3ª Promotoria de Justiça do Meio Ambiente e Planejamento Urbano entra na Justiça com ação civil pública contra o Município pedindo a suspensão de projetos de reforma ou demolição do prédio.

Ainda segundo o jornal, a ação se fez necessária porque, mesmo após cinco anos da decisão do Comphic, o Edifício ainda não foi tombado pois falta a validação do Executivo Municipal. Por lei, o processo de tombamento só pode ser finalizado com a assinatura do prefeito. Percebendo o impasse, o Ministério Público do Ceará quer impedir que o projeto de construção de um hotel, que já circula oficialmente, realize modificações inadequadas no prédio. Em agosto de 2021, o prefeito de Fortaleza, José Sarto, indeferiu o pedido de tombamento. Por fim, em março de 2022 o governo do estado anuncia que o prédio dará lugar ao Distrito Criativo da secretaria de Cultura o que permitiria que sua estrutura fosse preservada.



FIGURA 9: Edifício São Pedro escondido entre os prédios na vista aérea da Praia de Iracema em 2020. Fonte: Governo do Estado do Ceará.



FIGURA 10: Fachada do Edifício São Pedro, 2022. Fonte: Diário do Nordeste.

Então, para compreender a atual situação do prédio e as histórias que envolvem o local, apresentaremos a seguir o momento da pesquisa de campo em que foi possível entrar e conhecer o prédio com o acompanhamento de um dos seus últimos moradores.

4. Gaiola em decomposição

Durante o período da pesquisa de campo, conhecemos Reinaldo, um publicitário e cineasta, que estava produzindo um documentário sobre o Edifício. Reinaldo estava em contato com Felipe, porteiro do prédio e último morador da construção. Felipe, foi um dos entrevistados mais importantes da monografia que antecedeu essa pesquisa de mestrado e reapareceu aqui como peça chave novamente.

Classificamos como peça chave, porque conhecer de perto e por dentro o lugar da pesquisa é interessante para entender as tramas que envolvem as articulações teóricas.

Reinaldo falava conosco e com Paulo há algum tempo sobre a possibilidade de irmos com ele, mas não tinha nada definido, já que seus encontros com Felipe, o porteiro, eram casuais. O convite era para o mesmo dia e aceitamos prontamente. Nada muito planejado, apesar de já termos imaginado como seria esse momento várias vezes antes dele voltar a acontecer.

Chegando lá, o porteiro nos reconheceu e foi muito receptivo, apresentou o cachorro que agora cuidava no prédio e abraçou todos nós. Nossa primeira conversa foi sobre o *pitbull* que não existia quando o entrevistamos em 2016 e achamos interessante o que ele disse sobre a necessidade de proteger a entrada do prédio: agora sozinho, tinha ainda mais medo de invasões, sentimento que também revelou na primeira entrevista.

Nos guiou na entrada e nos apresentou um lado do prédio diferente do que conhecíamos e nos levou ao andar do seu apartamento. Mostrou como era a casa dele, muito simples, sem encanamento de água no seu andar, poucos móveis e nos deixou livres para explorar o prédio como quiséssemos, todos os andares. Disse que estaria em seu apartamento resolvendo seus afazeres.

Exploramos tudo que podíamos até o sol baixar. A construção não tinha mais nenhuma iluminação fora do andar de Felipe, estava completamente abandonada, se deteriorando. As vidraças que olham para o mar estavam quebradas, vários pedaços de parede estavam no chão e os escombros, espalhados.



FIGURA 11: Janela do Edifício. Fonte: Arquivo Pessoal

O abandono causava certa tensão, as partes mais escuras que de repente tinham voos de pombos assustava. Famílias inteiras da espécie de pássaros moram lá e o som que fazem também aumentavam o silêncio. O apelido “Gaiola dos Pombos” se justifica e apresenta muito sentido.



FIGURA 12: Ninho. Fonte: Arquivo Pessoal

Porém, mesmo tão abandonado, muitos apartamentos apresentavam vestígios de vida, de histórias de pessoas que haviam passado por ali. Vimos muitos objetos pessoais por todo o prédio: discos, fotografias, calçados, roupas, móveis, espelhos... Todas esses objetos denunciavam a vida que um dia existiu ali, o que me remeteu a Castriota (2004), quando este explica que o

que se considera ideal para preservar como patrimônio no Brasil atravessa fortemente a manutenção do belo, do agradável, o que acaba desvalorizando as incoerências urbanas. O Edifício São Pedro, na Praia de Iracema, é um exemplo de incoerência menosprezada na cidade.



FIGURA 13: Objetos de ex-moradores. Fonte: Arquivo Pessoal

Em muitas paredes do prédio, troncos enormes de árvores se ramificam e se espalham. Esse fenômeno botânico ajuda ou prejudica a estrutura do prédio? Porque ao passo que parece um risco, ao observá-los demoradamente e ainda depois observando as fotografias que fizemos, parece que, de alguma forma, sustentam o antigo Iracema Plaza e o mantêm de pé.

Exploramos todos os 8 andares do prédio labiríntico. Notoriamente uma construção feita em outro momento de Fortaleza, sem nenhum toque da padronização que temos hoje nos edifícios.

Vimos o antigo salão de festas onde tantos acontecimentos que lemos nos arquivos pesquisados e, apesar das fortes marcas de desgaste, percebemos o quão sofisticado foi em outro momento da história. É amplo, iluminado e com um teto bastante alto.

Por último, visitamos uma espécie de cobertura. Nos livros e nas produções que citavam o prédio, não havia registros desta parte da construção, mas já o tinha visitado quando realizei minha pesquisa da graduação. A sensação era a de que depois da minha visita em 2016, mais ninguém teria pisado naquele local. A única diferença é que a vegetação, que já existia antes, havia crescido muito mais. Uma marca do abandono da construção.

Vimos o sol se pôr quando estávamos no último pavimento e nesse momento começava a se encerrar nossa exploração do prédio, já que não havia luz para ajudar a enxergar.



FIGURA 14: Vista do ponto mais alto do Edifício. Fonte: Arquivo Pessoal

Dali de cima, mesmo sufocado por construções mais altas e mais modernas, o prédio é envolvido por grande valor especulativo devido ao ponto privilegiado em que fica, o que explica o conflito acerca de seu futuro. A construção, hoje esmagada pelos prédios vizinhos e pela atmosfera que o cerca, com muitos carros e muitos eventos e muita especulação, não deixa rastro do prédio indutor de crescimento e desenvolvimento que outrora foi para a Praia de Iracema. Quem não ouviu falar da história, não pode desconfiar que se trata da primeira edificação daquela orla, que modificou tantos hábitos na capital e que foi pioneiro na estrutura que tinha para a época.

Entrar no prédio e enxergar de perto os pedaços caindo ao chão, deixa claro também esses pontos do que foi e já não é mais. Da força efêmera que o novo tem e que em nada é garantia para o futuro.

Durante a descida, nos perdemos nos corredores estranhos para nós, até que finalmente chegamos ao andar do apartamento de Felipe, o porteiro. Foi nesse momento, que iniciamos nossa conversa.

5. Considerações finais

O presente artigo tinha como objetivo apresentar a história do Edifício São Pedro, primeiro prédio da orla de Fortaleza e o seu atual estado de abandono. Para isto, fizemos uma contextualização apresentando o período que ficou conhecido como Belle Époque de Fortaleza. Aqui vimos como a influência francesa mudou a visibilidade cidadina, com prédios inspirados em construções europeias, ruas largas e boulevards.

Depois, vimos como a influência estadunidense chega à cidade e também promove uma alteração das construções. O Edifício São Pedro é resultado desta influência, como discutimos ao longo do artigo. É importante observar que existe um processo contínuo de construção e demolição na cidade de Fortaleza. Como uma busca, um desejo, constante por uma modernidade tardia e nunca alcançada, a cidade destrói qualquer resquício de tempo.

A grande questão desta pesquisa é conseguir perceber como esse desejo é impulsionado e difundido pelo capital imobiliário em função de quem o possui, o que culmina em demolições custosas e sérias que vão, todo dia mais, ratificando a ideia do espaço urbano sem memória. Moderno, mas sem identidade.

Falar sobre isso, nos faz lembrar de Latour (2013), que conta muito sobre esse desejo do moderno que é formado dessa nossa necessidade em se desvincular do passado a qualquer custo, de se apresentar em um novo tempo que rompe definitivamente com o que ficou para trás, nesse duelo com vencedores e vencidos em que a modernização de opõe ferozmente ao arcaico se autoafirmando como mais rápida, seguidora do fluxo. É o problema de identidade colocado por Latour (2013), por termos nascido depois dos chamados modernos, mas com a desagradável sensação de que na disputa entre o novo e o velho, não podemos atribuir prêmios aos vencedores.

O incômodo gerado por essa sensação é capaz de nos fazer arriscar dizer que essa pesquisa pode não se encerrar nela mesma. O Edifício São Pedro é uma materialização da resistência, se antes era espaço exclusivo das elites, hoje é gaiola de pombos, mas continua em pé. Continuará? É preciso seguir pesquisando sua história, pois o final ainda está por vir.

Referências

ALVES, Virna. **Gaiola dos Pombos**: Um estudo acerca das potências do Edifício São Pedro em Fortaleza. 2016. 85 f. Monografia Comunicação Social (Publicidade e Propaganda) – Universidade de Fortaleza, Universidade de Fortaleza, Ceará, 2016.

Fortaleza em Fotos. Disponível em:<http://www.fortalezaemfotos.com.br/>. Acesso em: março, 2019.

GIRÃO, Blanchard. **O Liceu e o Bonde:** Na Paisagem Sentimental da Fortaleza – Província. Fortaleza: ABC Fortaleza, 1997.

JUCÁ, Gisafran. Fortaleza: cultura e lazer (1945 – 1960). In: SOUZA, Simone de. **Uma Nova História do Ceará.** Edições Demócrito Rocha, 2000.

LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos:** ensaio de antropologia simétrica. São Paulo: Editora 34, 2013.

LEILA NOBRE. **Portal Fortaleza Nobre.** Disponível em: <<http://www.fortalezanobre.com.br/>>. Acesso em: março de 2019.

MÉRIAN, Jean-Yves. A Belle Époque francesa e seus reflexos no Brasil. A Belle Époque francesa e seus reflexos no Brasil. IN: PINHEIRO, Luís C.; RODRIGUES, Maria M. M. (Orgs.). **A belle époque brasileira.** Lisboa: LusoSofia, 2012, pp. 135-161.

OLIVEIRA, Raimundo Nonato Nogueira de Oliveira. O processo de modernização de fortaleza. 2013. XVII Semana de história - Universidade do Estado do Ceará. **Anais...** Fortaleza, 2013.

PONTE, Sebastião. A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle. In: SOUZA, Simone de. **Uma Nova História do Ceará.** Edições Demócrito Rocha, 2000.

Portal Rádio Verdes Mares. Disponível em: <<http://www.verdinha.com.br/noticias/17648/com-64-anos-de-existencia-edificio-sao-pedro-na-praia-de-iracema-tem-futuro-incerto/>>. Acesso em: março, 2019.

PRADO, REBECA. **Lastro.** Produção de Rebeca Prado, direção de Rebeca Prado. Fortaleza, Unifor, 2014. 25min.

SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo e. **Fortaleza:** Imagens da Cidade. Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2001.

Como referenciar

ARAÚJO, Alessandra Oliveira; ALVRS; Virna Maria Benevides. Gaiola em decomposição, a história do Edifício São Pedro. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, pp. 59-79, ago./2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>.

DOI: <https://www.doi.org/10.12957/arcosdesign.2020.69817>



A revista **Arcos Design** está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada.

Recebido em 15/08/2022 | Aceito em 27/09/2022